



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e  
Crítica Literária da PUC-SP**

**nº 29 - dezembro de 2022**

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2022i29p178-182>

**CASTRO, R. *As vozes da metrópole. Uma antologia do Rio dos anos 20.*  
São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 464 p.**

*Suzie Marra\**

O cenário literário-modernista brasileiro abarca diversos estilos e heranças culturais com a mesma diversidade que abraça diferentes aptidões ou potenciais artísticos e autores que a ele se ligam ou inter-relacionam.

Mentes e expectativas advindas dos variados Brasis regionais, mas coabitantes de um único país, que se encontraram, viveram e conviveram em maior concentração no eixo metropolitano sudoeste, entre Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais. Não ser partícipe de um grupo em especial não significou alienação para acolher as mudanças ou novidades inspiradas em tendências europeias (e americanas) de então e observar, em paralelo, o que acontecia por essas terras. Autores, intelectuais ou neófitos da escrita viviam embalados e engajados na efervescência do pensamento geracional que os marcava, porque estavam a par do período histórico das décadas iniciais do século XX. O desejo das liberdades formais com a palavra e de abraçar o diferente do que já fora feito ou estava sendo feito – ainda que se saiba que a afirmação por negação é uma das características das vanguardas – pairava no ar desde antes de 1920.

Inexiste uma reflexão ou pensar que se atenha, em regra, a uma data de calendário; e as ideias modernistas, antes e depois dos movimentos ou marcos do modernismo, foram se manifestando de maneiras diversas, nos anos subsequentes,

---

\* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC SP; Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes; Programa de Pós-Graduação em Literatura e Crítica Literária – São Paulo – SP – Brasil – [suziemarra@gmail.com](mailto:suziemarra@gmail.com)

determinando, assim, as chamadas fases modernistas. E, se a noção modernista brasileira teve algum pendor estético à semelhança do caráter internacional, também é verdade que além de ter como característica evidenciar o novo, a ele acrescia pitadas da cultura nacionalistas. De maneira que houve uma reverberação ou desenrolar da mescla de pensamentos e culturas, iniciados nesses períodos, que reproduziram desdobramentos futuros impulsionando as artes, a exemplo do Museu de Arte Moderna e das bienais, e do cinema, que teve como partida a *nouvelle vague* na França e chegou ao Brasil com o Cinema Novo e o jargão “Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”.

Anos 1920-1930, Brasil, Rio de Janeiro: é a ambientação de *Vozes da metrópole*, que expõe ser a cidade e capital-federal à época, um grande centro urbano que refletia, por meio das criações artísticas e, destacadamente, literárias, o engajamento de mentes mais alertas e abertas aos movimentos vanguardistas ocorridos no estrangeiro. Alguns dos nomes, dentre artistas, intelectuais públicos, autores, jornalistas ou aspirantes, possuíam condições financeiras que lhes permitiam fazer viagens ao exterior, outros tinham simplesmente o próprio talento para capturar o momento e escrever. De um modo ou de outro, essas inteligências inspiradas pelos influxos das ideias de fora transmitiam, desde aqui, em diálogo contínuo com os movimentos externos, a realidade e a cultura nacionais.

Reivindicar este ou aquele nome ou destacar um grupo em especial como protagonista de verve literária modernista brasileira é apenas um dos recortes ou abordagem possível para discorrer sobre um tema amplo, se considerarmos que cada época literária seleciona os materiais que a caracterizam e que o modo de narrar também evolui, uma vez que novos temas fazem apelo a uma nova linguagem que lhes seja adequada como observou o escritor português Fernando Namora (1919-1989) no livro *Encontros* (NAMORA, 1981). Nesses termos, com licença a um alargamento do enfoque cultural e temporal, recordo que em Portugal, Raul Brandão, com sua obra *Humus*, considerado pré-modernista, e a produção literária do francês Charles Baudelaire (1821-1867) igualmente são vistos como percursores do movimento ou primeiros modernistas, enquanto, no Brasil, temos Euclides da Cunha (1866-1909), só para fazer algumas distinções relacionadas ao campo das letras, independentemente de demais expressões artísticas.

O período de transição entre o final do século XIX e começo do XX até o marco modernista (da Semana de Arte Moderna em São Paulo de 1922) representa, portanto, a confluência de ideias, que vão se contrapondo e sobrepondo, misturando-se com

tendências de acordo com ocorrências do cotidiano, influenciadas pelo ambiente e pela época em que são vividas. Os primeiros textos modernistas, por exemplo, conservavam muito do parnasianismo e os sonetos do poeta modernista Carlos Drummond de Andrade, no período anterior a 1951, segundo o crítico literário Manuel da Costa Pinto – que considera Drummond a grande realização poética do modernismo brasileiro –, seguem o rigor formal parnasiano (COSTA PINTO; entrevista *A Poesia Modernista*, 13 de maio de 2021). Logo, cabe salientar que o livro *Vozes da metrópole*, de Ruy Castro, aponta para a importância da leitura das obras dos escritores, mais do que discutir sobre eventos coletivos ou feitos particulares e suas participações ou implicações nos movimentos de cunho modernista.

O levantamento histórico que estrutura a obra de Ruy Castro não concede liberdades ideológicas ou políticas. Tem por base o cunho jornalístico, isto é, investigativo, e coloca às claras que são muitos os fatores que podem determinar que uma obra, autor ou fato seja mais ou menos conhecido. Trata-se de um trabalho de pesquisa que ilumina fatos históricos, alargando horizontes de conhecimento. *As vozes da metrópole*: uma antologia do Rio dos anos 20 torna disponível a produção de autores que escrevem sobre a vida na agitada cidade metropolitana que era o Rio de Janeiro à época, muitos dos quais nos escaparam à memória atual ou desconhecíamos.

Polêmicas à parte, o livro *As vozes da metrópole* discorre sobre o conteúdo da produção literária brasileira no que ela tinha de moderno com vistas à palavra impressa – condutora das ideias e das paixões nesse período – entre 1919 e 1930, no cenário do Rio de Janeiro. O trabalho de pesquisa e reconstituição histórica, marca registrada do jornalista e emblema distintivo do escritor Ruy Castro, traz à tona uma antologia de textos ficcionais e não ficcionais de autores, destacando romancistas, poetas e jornalistas. Dentre eles, há nomes constantes na imprensa e principiantes aspirando ao mesmo ideal daqueles já conhecidos (e alguns reconhecidos até hoje) vindos de diferentes cidades. Originários ou não da cidade do Rio, esses artífices das palavras viveram, conviveram e se cruzaram em conformidade com ideias modernas, permanecendo atentos também às questões sociais que geravam dramas existenciais a partir do cotidiano conflituoso entre as pessoas e suas inter-relações com um mundo em transformações – para além da defesa de uma nova ordem para organizar as configurações formais dos versos e termos da prosa.

As contendas eram apontadas por uma crítica bem-humorada, em grande parte irônicas, mas, sobretudo, constituindo-se como massa crítica. Modernismo, futurismo,

vanguarda são expressões que têm em comum a ênfase no compromisso com o novo, a partir de um referencial de ruptura com o passado, e são termos que frequentavam os jornais, concorrendo entre si para se firmar como manifestações que vingavam no espaço urbano das ideias e ideais. É intencional mostrar a amplitude da noção de modernismo (aqui mais especificamente o literário) porque esse fenômeno histórico assinalou uma época, lugares e ideias, assim como foram marcantes o classicismo e o romantismo dentre outros movimentos e correntes.

A produção intelectual de ordenação modernista no Brasil, portanto, estava vinculada ao contexto de modernidade/modernismos dos anos 20 1920 em alguns países da Europa e em certa medida dos Estados Unidos, ainda que a sua maneira e assumindo características nacionais próprias.

Ruy Castro afirma que vários “assuntos que faziam a pauta do século XXI já tinham entrado na pauta daqueles escritores de cem anos atrás.” (p. 369). Assim, Paulo Silveira, em *O sabão da honra*, escreve: “O covarde mata com um beijo, o bravo mata com a espada e o brasileiro mata quase sempre com o revólver... tendo a certeza prévia de que será posto em liberdade [...]” (p. 424). Elysio de Carvalho, por sua vez, em *A ciência a serviço do crime*, alerta que os criminosos avançam no engenho conforme o progresso técnico e científico: “Uma das causas que melhor explicam a incapacidade da polícia em certos países para descobrir os crimes e fazer condenar os criminosos é ter-se o delito tornado científico, fraudulento, dissimulador.” (p. 70-71). Os dois textos críticos citados se referem às faltas na segurança pública abrangente, em suma, às temáticas da impunidade e inoperância no cumprimento das leis, que ainda hoje debatemos.

Carmem Dolores (1852-1910), cujo pseudônimo completo é Emília Moncorvo Bezerra de Mello, se dedicou aos problemas dos direitos civis das mulheres brasileiras, salientando as questões que mais as impactavam à época, como o divórcio (que só foi aceito legalmente no Brasil em 1977). Ela foi uma ficcionista, uma das primeiras escritoras profissionais do Brasil, e também escreveu crônicas durante anos para o jornal *O País*, com textos em primeira página – sendo considerada a cronista mais bem paga de seu tempo.

Crysanthème (1870-1948) foi outra autora que teve como foco as questões femininas por excelência e ousou expor tramas que envolviam “champanhe, cocaína, adultério, homossexualidade ou gravidez fora do casamento” em seus romances *Uma paixão*, de 1923, *Mãe*, de 1927, e *Famílias*, de 1933, entre outros. Segue um trecho de *Covardia*: “[...] ela se sentia tão diminuída [...] que a vergonha alternava, com o amor

que ela ainda experimentava! [...] ‘Minha mãe celeste, ordenai ao Carlos que me ame ainda ou fazei que eu não me aperceba do seu desamor’.” (p. 242-243). No seu romance *Enervadas*, de 1922, lemos: “Aliás, alguns meses depois, ela morria repentinamente em pleno fulgor, na sua plena soberania de mulher. Meu pai, viúvo, [...] retirou-me do colégio mundano onde me educavam, ensinando-me o francês, as danças”, a propósito de ser este um texto de crítica social, a autora continua a falar sobre “as distinções sociais entre os ricos e os pobres”, para concluir, ao final, com uma espécie de moral da história como se vê a seguir: “e deu-me professoras em domicílio. Começou então, para mim, uma existência feliz e livre...” (p. 239-240).

Outro nome da constelação de escritores que Ruy Castro nos instiga a lembrar ou conhecer é o contista Adelino Magalhães, que, em seus primeiros livros, *Casos e impressões* (1916), *Visões, cenas e perfis* (1918) e *Tumulto da vida* (1920), já apresentava o fluxo de consciência ou “*stream of consciousness*, o embaralhamento dos planos narrativos e grande liberdade verbal, inclusive palavrões – antecipando James Joyce, Marcel Proust e Virginia Woolf” (p. 429). Fazem parte, ainda, da recolha de *Vozes da metrópole*, que reúne 41 autores ao todo: Ronald de Carvalho – editor no Brasil da revista binacional *Orpheu*, editada em Portugal por Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Mario de Sá Carneiro –, Ribeiro Couto, Théó-Filho, Lima Barreto, João do Rio, Peregrino Junior, Patrocínio Filho, Murilo Mendes e Olegário Marianno, entre outros.

Com essa antologia do Rio nos anos 1920, Ruy Castro oferece ao público um livro que mostra uma parte indispensável da história ficcional e não ficcional do modernismo brasileiro e seus personagens, sem atenuantes. Conforme observou o crítico literário Manuel da Costa Pinto, no Programa Roda Viva, da TV Cultura (levado ao ar em 7/ 2/ 2022), *Vozes da metrópole* apresenta um trabalho notável e vale por nos oferecer a oportunidade de conhecer autores que desconhecíamos ou permaneciam ausentes – bem como, pode-se acrescentar, revela as ideias no contexto histórico e criativo que pulsou nas letras e artes da grande capital que era o Rio de Janeiro nos anos 20, demonstrando a diversidade de facetas e tendências do notório modernismo brasileiro.

*Data de submissão: 09/06/2022*

*Data de aprovação: 22/08/2022*